

A cidade-ilha de Vitória na trama ficcional de Luiz Guilherme Santos Neves

The Island-City of Victoria in The Fictional Work of Luiz Guilherme Santos Neves

Linda Kogure*

A ideia da Seleta brotou de um tema: a cidade-ilha imaginária de Vitória¹ (ES), tecida recorrentemente nos fios literários do escritor e historiador Luiz Guilherme Santos Neves. São urbes verossímeis à morfologia e à cartografia urbanas da capital do Espírito Santo, porém, não se inscrevem como meros cenários, pano de fundo ou lugares de passagens de uma ou outra ação. As cidades são as protagonistas, (re)criadas ao longo da vasta obra ficcional, cada qual com nomes próprios: Airotiv (Vitória, sem acento, da direita para a esquerda), a cidade-peixe de "A cidade invisível" (1993), e *Cidadilha* (cidade-ilha) são apenas exemplos. Quando o nome permanece em elipse, a urbe é descrita como a ilha vislumbrada, análoga às origens, topografia, paisagem, ícones naturais e históricos de Vitória. É o caso de *Navegação em torno da ilha vislumbrada* (2014).

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

¹ Pesquisa em andamento no Pós-doutorado em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU-UFES) e no projeto *Ficcionalidades* do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples).

Esses exemplos formam o tripé das cidades-ilhas desta Seleta, reunindo excertos de “A cidade invisível” (na íntegra), crônica publicada (1993) sob o pseudônimo de Luís de Almeida, ficção sobre o histórico conflito entre peroás e caramurus (devotos de São Benedito); recortes de *Cidadilha: crônica inverossímil de uma cidade inexistente* (2008) e da citada *Navegação em torno da ilha vislumbrada* (2014), de tiragem limitada.

Nota-se que Airotiv e *Cidadilha* não têm acesso por ponte terrestre. Portanto, navegar é preciso. Assim, criador e leitor iniciam a travessia pelo mar. Embora *Navegação...* situe a urbe-ilha com acesso terrestre via “As cinco pontes” (NEVES, 2014, p. 52) e “A ponte da passagem” (p. 87), o leitor também é instigado a navegar até pelo alerta do escritor: [...] “é de navegação que se fala” (p. 7), pelos mares do imaginário, de *flashes* de vislumbres. E também porque “a ilha abarca a cidade, como o mar abarca a ilha” (p. 13). Entretanto, o narrador faz uma distinção entre ilha e urbe: “A cidade foi invenção dos homens, mas às vezes ela e a ilha se confundem. É preciso conhecê-las para distingui-las” (p. 11). E Luiz Guilherme as conhece bem, não só por suas pesquisas historiográficas, mas também por suas raízes: é morador permanente de Vitória – desde 1933 –, ano em que nasceu.

Apresenta-se ainda uma crônica inédita de um recente personagem, o fantasma², *ser que renasce das cinzas e perambula* pelo atual centro de Vitória. Ele é a criatura mais recorrente das crônicas da coluna *A certos respeitos* (NEVES, 2005-), do site Tertúlia Capixaba (NUNES, 2005-). Ao fisgar e associar os fios daqui e dali, descobre-se que o fantasma “nasceu no século XIX e faleceu por volta de 1970. Assunto não lhe falta sobre Vitória antiga”, afirma o narrador de “O fantasma num relance passageiro” (NEVES, 2005-). Sendo assim, *testemunhou*, dentre outros exemplos, o conflito entre os fiéis de São Benedito e, como todo capixaba daquela época, tomou partido: foi um “peroá legítimo, de carregar a charola de São Benedito nas procissões do dia 27 de dezembro pelas ruas do

² É assim que o autor grafa.

centro da cidade. Ruas atapetadas com folhagens em frente de casas com toalhas de linho penduradas nas janelas”, segundo “Fantasmas sobre a rua do Fogo” (NEVES, 2005-). Como *testemunha* da história da cidade, a criatura é o elo e o suplemento de outros fios literários de Luiz Guilherme, como os de “A cidade invisível”, o que permite a expansão da teia intratextual.

O objetivo da seleta é apontar de que forma Luiz Guilherme tece, recria e rerepresenta ficcionalmente a ilha-capital dos capixabas, convidando o leitor a navegar por diferentes perspectivas, espaços e tempos históricos. A começar pelo século XIX em que Airotiv vivencia o histórico conflito entre os citados devotos de São Benedito. Embora a urbe seja descrita como “duas cidades-peixes [...], elas permaneciam inseparáveis, xifópagas. A existência de uma dependia da existência da outra e as duas completavam uma só urbe, sendo a separação entre elas o que melhor integrava Airotiv em Airotiv” (NEVES, 1993, p. 40). Uma parte era azul (peroás) e a outra verde (caramurus), cujas respectivas igrejas situam-se geograficamente em polos opostos no atual centro histórico de Vitória.

Do século XIX, embarca-se ao início dos anos 1900 com destino à *Cidadilha*, a cidade-ilha baseada no livro *Logradouros antigos de Vitória*, de Elmo Elton (1986), no folclore e nas nostalgias de Luiz Guilherme. A leitura permite uma viagem espaçotemporal à Vitória ainda colonial e, por similaridade, ao que resta do centro originário da capital. Além de o escritor ficcionalizar como chegar e sair de *Cidadilha*, ele cartografa 30 referenciais urbanos, desvelados pelo narrador em percursos a pé. Embora os forasteiros não sejam bem-vindos pelos moradores, o leitor pode *caminhar* pela parte alta e baixa da urbe, pelas ruas do Piolho, do Fogo, do Reguinho etc., pelo cais, conhecer antigas igrejas, praças, subir ou descer escadarias ou escorregar na Ladeira do Quebra-Bunda. No Apêndice, os referenciais urbanos de *Cidadilha* são identificados aos de Vitória, com os nomes atuais e suas localizações geográficas.

Seguindo a travessia, embora não-datado no livro, supõe-se que a chegada em *Navegação em torno da ilha vislumbrada*³ possa ser em fins do século XX, época provável de sua criação. Ou talvez ocorra em outro tempo: o da utopia, conforme sugerido pela epígrafe: “Toda ilha é uma utopia”. Pelo sim, pelo não, o mais relevante é que o autor instiga o leitor a navegar numa “viagem visionária em torno de vagas aparências de uma realidade que não é o que parece ser nem existe como é imaginada, embora seja percebida com deslumbramento” (NEVES, 2014, p. 7). Tanto é que a ilha vislumbrada sedia a “Igreja do peroá” que, por sua vez, interliga-se aos fios de “A cidade imaginária”, ampliando a rede ficcional sobre o conflito dos fiéis de São Benedito. Aliás, a rivalidade também se presentifica em *Cidadilha*, conforme o excerto de “A praia da Conceição” (NEVES, 2008, p. 81).

A seleção de *Cidadilha* e *Navegação...* prioriza como chegar e sair da urbe, as imagens que os navegantes têm da baía de Vitória, suas origens, noções sobre morfologia e traçado urbano, ruas históricas, o lendário cine Trianon etc. Aponta-se ainda de que forma o conflito entre peroás e caramurus é recriada em cada cidade-ilha. Espera-se que a conexão entre as três urbes e o fantasma (como testemunho citadino da história), contribua para estimular outras pesquisas literárias sobre a cidade de Vitória. E, sem mais delongas, naveguemos com Luiz Guilherme Santos Neves. Boa viagem!

³ Ao contrário de *Cidadilha*, na ilha vislumbrada os visitantes são bem-vindos.

A cidade invisível

Podem dizer que é pastiche, mas não resisto – vai esta crônica um pouco à Ítalo Calvino, em suas cidades invisíveis.

Chegava-se a Airotiv, cidade-peixe, através do mar. Um fartum piscoso dominava os ares e grudava-se nas pedras das vielas e nos muros das casas. O sol agudo tornava líquido o grude, que escorria pelas paredes como suor grosso.

Quando batiam as chuvas, as águas desciam vertiginosas pelas estreitas ladeiras mas não livravam a cidade do cheiro azedo de peixe. O banho das águas parecia acentuar o ranço de Airotiv e a cidade podia ser presentida a milhas de distância.

O bafio viajava no vento. Em lugares onde nunca se tinha ouvido falar de Airotiv sabia-se exatamente onde ela estava. Bastava erguer o nariz e cheirar o ar. Muitos evitavam conhecê-la devido ao cheiro inóspito. Outros vinham atraídos por esta particularidade, que nenhuma outra cidade tinha.

Mal chegavam, Airotiv reservava-lhes uma surpresa. Dentro da particularidade que a distinguia, uma segunda particularidade se impunha: a cidade-peixe se dividia em duas cidades-peixes.

Mas essas partes não estavam entre si como corpos independentes. Elas permaneciam inseparáveis, xifópagas. A existência de uma dependia da existência da outra e as duas completavam uma só urbe, sendo a separação entre elas o que melhor integrava Airotiv em Airotiv.

As diferenças, no entanto, eram notáveis. Uma parte de Airotiv era verde, a outra azul. Assim, verde ou azul, em cada parte, eram as casas e as igrejas, a indumentária das pessoas e a epiderme delas, ou a própria mentalidade dos seus habitantes. Conforme o lado em que vivessem, os moradores tinham sangue verde ou sangue azul e, quem não fosse verde ou não fosse azul, simplesmente não existia em Airotiv.

Porque, diga-se agora ao visitante de passagem, o azul e o verde eram as cores símbolos das duas facções rivais em que a cidade se cindia, num antagonismo feroz e sagrado.

Moças de epiderme azul, por exemplo, casavam-se sempre com rapazes da sua cor, o mesmo acontecendo com as moças de pele verde. Nenhuma Julieta azul ousaria soltar as tranças para um Romeu de cabelos verdes, facilitando-lhe o acesso ao balcão com grades pintadas de azulão. Preferiam manter-se castas a violarem, em matrimônio espúrio, a cor do sangue e da pele e a virgindade do mesmo tom.

A única inversão de cores dava-se no calçado das mulheres: as de epiderme azul acalcanhavam chinelas verdes e as de pele verde, chinelas azuis. Uma forma simbólica e provocativa de pisotear as cores adversárias.

Antes, porém, a cidade não era assim. Vista da baía de águas lisas e quietas, Airotiv reluzia sua alvura de cal nas luzes oblíquas da tarde. Dava vontade de conhecê-la na palma da mão como biscoí de porcelana pura.

O dia da grande mudança ocorreu debaixo de muita chuva, quando o guardião do templo, que se tornou verde, proibiu a procissão de São Benedito. Queria poupar a imagem do santo do aguacéu diluviano.

Ora, o povo de Airotiv, ainda sem divisão e sem divisas, adorava São Benedito e adorava fazer a procissão de São Benedito. Proibi-la foi um erro trágico.

Na calada da noite, alguns fiéis inconformados raptaram o santo e o entronizaram no lado oposto da cidade, no altivo templo entre palmeiras que começou aí a ficar azul. Ali cobriram São Benedito de honras e delicadezas, a contragosto dos moradores que viviam em torno da igreja verde. Desde então, cada parte de Airotiv deu-se a disputar feramente a posse do santo por extremada devoção a ele.

Em clima de dissensão, um lado apelidou o outro de peroá, peixe reles, do lombo azul. O ofendido devolveu a provocação no epíteto de caramuru, reles peixe, do lombo verde. Airotiv passou a tresandar a peixe, entre o verde e o azul. Nisso residia a essência da cidade.

Informe-se, todavia, que as desavenças entre peroás e caramurus nunca desembocaram para a vermelhidão do

sangue derramado, talvez devido à excelsa proteção de São Benedito.

O tempo, com sua boca negra, engoliu as beneditinas querelas dos habitantes de Airotiv. Hoje, quem chega à cidade não sente mais cheiro de peroás e de caramurus. O máximo que consegue é saborear um peroá frito à beira-mar, porque, pelo que sei, caramuru não existe sequer para tira-gosto.

Cidadilha: crônica inverossímil de uma cidade inexistente

A chegada

Nem tanto ao mar, nem tanto a terra.

Se não há cousa que se encubra da vista quando se está no mar, como pode estar encoberta a cidade-ilha a que chamam Cidadilha, que no mar se encontra?

É que no mar estando, nele não se mostra claramente por se achar embuçada numa baía estreita, como se estivesse enfiada num bolso de colete. De sorte que, para pôr os pés em Cidadilha, os que a ela chegam das ondas do Oceano têm que primeiro navegar baía dentro e sete pedras de boa conformação deixar para trás, das quais é de bom alvitre que se declare a descrição, olê, seus marinheiros: a primeira é uma pedra morena, porque tem a cor mulatinha, à esquerda de quem entra na baía; a segunda é penha que tem no topo um convento que parece uma fortaleza, que parece um castelo, que parece um bolo de noiva que já foi até comparado – e bem comparado – a um gato angorá; a terceira é pedra com olhos cavos e cegos, mas sempre atentos aos que navegam as águas da baía; a quarta é a pedra d’água chamada, porque tem os pés na maré, e bem molhadinhos; a quinta, que na verdade é dobrada, uma em cima da outra, chama-se pedra dos ovos pelo formato que tem; a sexta é um penedo de meter medo, em forma de pão de açúcar, que sobre o mar desce a pique; finalmente a derradeira pedra é a que a baía vigia e assinala Cidadilha, a procurada margarida, aonde quem chega era melhor não ter chegado, olê, seus marinheiros!

O Cais das Colunetas³⁰

Miguel, Miguel, não tens abelha e vendes mel

O cais tira seu nome das colunetas que o sustentam. As colunetas nascem de dentro das águas ignóbeis da baía e

³⁰ Segundo o Apêndice de *Cidadilha*, era o extinto Cais das Colunas, em frente à atual Escadaria do Palácio Anchieta.

transpassam o passadio de madeira, recobertas de ostras como milhos numa espiga.

Engastadas na parte de cima das colunetas, caveiras de burro se agitam ao vento. São seis caveiras de um lado, seis do outro. À noite, as caveiras servem de luminárias em que se emprega na iluminação o óleo de mamona. Os habitantes da cidade-ilha preferem a luz úmida das mamonas ao uso da eletricidade em suas casas e nos logradouros públicos para preservarem as características coloniais do lugar. Dizem que graças a essa tradição Cidadilha parece um presépio, à luz baça dos lampiões noturnos.

Para que a mamona esteja sempre à mão, o seu cultivo é feito nos jardins e pomares da cidade, ainda que as más línguas digam que se cultiva de mistura com a maconha. Até na bandeira de Cidadilha há um ramo de mamona enlaçando, por um dos lados, um sol estilizado em cujo centro se acha um favo de mel porque – são as boas línguas que o dizem – Cidadilha é cidade sol e ilha do mel!

Um outro ramo, mas de fumo, contrapõe-se às folhas da mamona, numa referência ao fundador de Cidadilha – um certo capitão e governador viciado no pecado de beber fumo, pelo qual foi excomungado. O que, para o povo da cidade-ilha, que continua dando ao capitão honras de herói de capa e espada, não fede nem cheira.

*A Escadaria das Pobres Figuras*³¹

Desgraça pouca é bobagem.

Em seguida ao Cais das Colunetas está a Escadaria das Pobres Figuras. É obra com largos patamares sobre os quais se projetam sacadas em que se aglomera a população de Cidadilha para ver os visitantes se afogarem na águas da baía.

O nome da escadaria deve-se às muitas estátuas que adornam seus corrimãos e parapeitos. São trabalhos de um escultor conhecido por Creta, por ter nascido na ilha com este nome. Mas adornam é maneira de dizer, porque as estátuas reproduzem, à perfeição, tipos populares de

³¹ Atual Escadaria do Palácio Anchieta, hoje, Bárbara Lindenberg.

Cidadilha – andrajosos e decadentes – além de sujérrimos, pois literalmente cobertos pela pátina do tempo e pelo estrume dos pombos que fazem das estátuas poleiros para as suas imundícies.

Não bastasse tamanho ultraje às esculturas, pior é à noite, quando a elas se juntam os sem-tetos da cidade-ilha, que não são poucos. Os sem-tetos chegam em tribos, parecendo irmanados pelos laços de uma miserabilidade indestrutível. Acomodam-se nos escaninhos da escadaria sobre esteiras de palha ou cobertores esfarrapados, acendem fogareiros a carvão para o aquecimento da noite e se põem a cantar para atenuar a miséria em que vegetam:

*Tingolê, tingolá,
Toca a viola pra nós dançar...*

E ainda se dão ao luxo de aproveitar a água que jorra da fonte da escadaria através do bico de um cisne que de cisne só tem o bico, para atender às suas necessidades básicas, que são efetivamente básicas. E de tal modo se misturam os miseráveis vivos aos miseráveis personificados em estátuas que, vistos de longe, não se saberia dizer quem é humano ou não na Escadaria das Pobres Figuras; e, vistos de perto, tal semelhança apresentam entre si que a conclusão que se tira é a de que todas as figuras vivas e em pedra que povoam a escadaria estão urgentemente necessitadas de um bom banho no bico do cisne que, de cisne, nem sequer tem mais o contorno do seu vulto antigo.

A Rua do Fogo³²

Caiu, do chão não passa!

A Rua do Fogo é a única ladeira de Cidadilha que tem nome de rua. Calçada com pedras escorregadias, é também conhecida como Ladeira do Quebra-Bunda. Assim, ora a rua é rua, ora é ladeira, conforme o nome com que é tratada.

A denominação da ladeira se explica por si mesma: escorregou, caiu, quebrou a gabirola. Por esta razão uma penca de moleques fica à espreita dos que se estatelam na ladeira para fustigá-los com uma cantiguinha humilhante:

³² Atual Rua Caramuru.

*Quebra, quebra, gabirola,
eu quero ver quebrar,
quebra lá, que eu quebro cá,
eu quero ver quebrar.*

A denominação Rua do Fogo tem outra razão de ser. A palavra fogo com que foi batizada vem dos acendedores de lampiões que ali morreram queimados pelas chamas do óleo de mamona das luminárias que acenderam.

A função de acendedor de lampião passa, em Cidadilha, de avô para neto, dentro de uma única família de miseráveis. Por se tratar de função honorífica, os membros da estirpe ficam cada vez mais pobres, de uma geração a outra. Pudera. O custo de vida tem aumentado historicamente em Cidadilha com a sufocante cobrança de impostos, o que provoca o empobrecimento da população e, naturalmente, o da apagada grei dos acendedores de lampiões.

Mas a bem da verdade nunca se soube de um acendedor de lampião que morresse de fome (ou que mijasse na cama). A tradição é a de que todos eles, de avô a neto, morram invariavelmente queimados pelas chamas do óleo do ofício que lhes ensopa as vestes em virtude do perdigotejar dos lampiões que acendem.

Morrem assim os acendedores de lampiões de Cidadilha na Rua do Fogo. Morrem condignamente cremados no nobre mister de iluminar os logradouros da cidade, para que esta brilhe sempre com a graça e elegância de um presépio.

A Rua da Barreira³³

Um dia a casa cai.

Seu nome completo é Rua da Barreira da Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte. Mas popularmente é chamada Rua da Barreira, embora o mais indicado fosse Rua do Paredão, devido ao muro de pedras que escora o outeiro no qual a igreja foi erguida.

Quando o paredão estava sendo construído, um velho da boca torta profetizava o seu desabamento. "Não ficará pedra sobre pedra," gritava num exagero profético que, felizmente, não se fez realidade, levando o velho a morrer

³³ Rua Comandante Duarte Carneiro.

com a língua queimada e o vaticínio pregado na boca maraçapeba.

Pela Rua da Barreira se vai do Largo da Misericórdia à Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, subindo-se uma escadaria de trinta e três degraus escavados na terra pelos irmãos da confraria da Boa Morte e da Ressurreição. É à confraria que cabem a guarda e a conservação da igreja, na qual a imagem de Nossa Senhora da Boa Morte, envolta num manto azul-pavão com apliques de estrelas-do-mar, repousa no altar-mor.

Durante décadas a irmandade cumpriu o seu papel sem qualquer problema. Surpreendentemente, porém, por questiúnculas que não iam além de questiúnculas, mas que ganharam foro de grande controvérsia, os irmãos desirmanaram-se em duas facções, a da Boa Morte e a da Ressurreição.

A dissidência tornou-se tão aguda que os partidários de cada facção chegavam a disputar aos empurrões a preferência para entrar na igreja, nas missas dos domingos. Para pôr fim à disputa uma bula episcopal determinou a abertura de duas portas ao lado da entrada principal, destinadas, separadamente, à passagem dos adeptos da Boa Morte e da Ressurreição.

Mesmo assim uma nova divergência obrigou o bispo a definir, sem perda de tempo, a porta que se destinava a cada uma das hostes rivais, dentre as que foram criadas pela bula episcopal.

A rixa, apesar de logo resolvida, tornou-se de domínio público e deu fama à Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, atraindo turistas simplesmente para entrar por uma porta e sair pela outra.

No Largo da Misericórdia, por onde geralmente os visitantes passam a caminho da igreja, não falta quem maldosamente os aconselhe a caminhar renteando o muro de pedras da Rua da Barreira, na esperança de que a nefanda profecia do velho da boca torta possa se cumprir um dia.

Mas há os que procedem de forma mais condenável ainda: quando perguntados pelos visitantes onde fica a Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte respondem, com a irreverência brilhando nos olhos:

Onde?

*No cu do conde
Sabeis adonde?*

A Rua do Reguinho³⁴

*O melhor bocado não é para quem o faz,
mas para quem o come.*

A rua é cortada longitudinalmente pelo reguinho que lhe dá nome e a divide em duas partes: uma, de terra batida; outra, de terra solada. Na primeira, ficam as casas dos pescadores pobres, que só têm redes, anzóis e puçás para pescar; na segunda, as casas dos pescadores menos pobres, donos de canoas de pesca.

Todos vivem lado a lado como se não existisse entre eles o reguinho da pobreza que os separa.

Foi graças aos filhos dos pescadores que a rua ficou célebre. As águas do reguinho descem perenemente do Morro da Fonte Grande, cujo nome explica sua denominação, para a baía de Cidadilha. Mas no outono alcançam seu ponto ideal de serenidade.

É quando os filhos dos pescadores aproveitam para fazer barquinhos de papel que botam para flutuar no reguinho. A brincadeira contagiou os adultos. Em pouco tempo, junto com os barquinhos de papel, barcos de madeira montados por artesãos de cabelos enrodilhados passaram a navegar o reguinho, enfeitados com bandeirolas coloridas. O costume virou tradição, e a tradição associou-se a São Pedro, padroeiro dos pescadores.

Desde então, no dia de São Pedro, as águas do reguinho se tornam palco de uma procissão de barcos em miniatura, com bandeiras e gravuras do santo que, sob o pipocar de fogos, rendem homenagem ao protetor dos pescadores, navegando em fila para o mar.

A festa não se limita à procissão naval. Ela vara a noite graças às muitas barraquinhas armadas ao longo da rua onde são vendidas guloseimas e o quentão que inflama a

³⁴ Rua Graciano Neves.

verve e a cabeça dos que o tomam, a ponto de derrubá-los pelo chão de terra solada ou de terra batida.

Quanto aos filhos dos pescadores, que singelamente iniciaram a tradição, continuam soltando seus barquinhos de papel nas águas do reguinho. E, já que a festa se tornou uma oportunidade para muitos adultos ganharem uns trocadinhos extras, os filhos dos pescadores não ficaram para trás: passaram a vender mensagens de amor escritas em papeluchos levados pelos barquinhos até os seus destinatários.

As mensagens contêm quadrinhas cuja interpretação corre por conta de quem as lê, o que lhes confere maior encantamento:

*Você de lá e eu de cá,
No meio passa um riacho,
Você de lá manda um beijo,
Eu de cá mando um abraço.*

Como o interesse do público, principalmente das mulheres, tem sido muito grande pela novidade, pode ser que a procissão oficial de São Pedro incorpore também ao seu ritual a venda das mensagens de amor, o que obrigará os filhos dos pescadores a encontrar outras saídas para não ficar a ver barquinhos nas águas do Reguinho.

A Rua do Piolho³⁵

Cã e lá más fadas há.

O tratamento depreciativo mostra ainda que se trata de uma rua pela qual passam apenas os que nela moram. Uma vez ou outra, um visitante distraído é levado a conhecê-la sob o pretexto de que se deparará com curiosidades inesquecíveis, o que não deixa de ser verdade, porque os que creem na informação saem de lá com os cabelos ouriçados de piolhos.

Uma segunda explicação para o nome da rua vem da adivinhação que uma velha maluca lança invariavelmente aos seus moradores, cutucando-os com o dedo: *O que é, o que é, que anda com os pés na cabeça?*

³⁵ Rua 13 de Maio.

Como ninguém lhe dá atenção, ela mesma dá a resposta: *é piolho, é piolho!* – produzindo, com a boca desdentada, um ronco impossível de se definir como gargalhada ou rugido de raiva.

Mas se a Rua do Piolho se chamasse Rua do Bicho-de-Pé, o nome também viria a calhar devido à fartura de *pulex penetrans* que a infesta e que se instala nos pés dos que por ela andam.

Foi o que aconteceu com um turista francês que morou algum tempo numa casa da rua. Dessa desastrada experiência o gaulês deixou uma informação da qual sobreviveram uns poucos trechos: “Existe numa rua de Cidadilha um inseto ao qual o povo chama bicho-de-pé. Este inseto se introduz ... debaixo das unhas dos pés e nos dedos, e ... põe ovos aos milhões numa bolsa purulenta que cresce cada vez mais. Se a pessoa o deixa vingar sem removê-lo ... distúrbios gravíssimos sobrevêm ao infestado. Afirmaram-me que um sábio, pretendendo levar para a Europa uma amostra desses insetos com os ovos preservados, não quis retirá-lo e morreu durante a travessia [trecho ilegível]. Toda noite eu ... deixava examinarem-me os pés com um alfinete e um canivete aquecidos na chama das velas, a fim de retirarem habilmente todo o abscesso, porque, se a bolsa arrebentar, os ovos ficam entranhados na carne. Um dia, entediado com essa operação, não quis mais me submeter submeter ... Na manhã seguinte, acharam onze ninhos no dedo grande do meu pé direito e seis no dedo mindinho.”

Só faltou ao francês registrar, em seus apontamentos, esta quadrinha muito recitada pelos moradores da Rua do Piolho:

*Se vejo meus pés,
Me benzo de medo.
Tem mais de cem bichos,
Em cada um dos dedos.*

*A Praia da Conceição*³⁶

Dois bicudos não se beijam.

³⁶ Praça Costa Pereira.

Praia era força de expressão, porque não passava de uma enseada de marolas remanhosas. Nela os pescadores de Cidadilha recolhiam suas canoas; nela iam ter as águas do Morro da Fonte Grande, que desciam pela Rua do Reguinho; nela ficava o Forte de São Diogo, que defendia a região não se sabe exatamente contra o quê. Finalmente, era na prainha que estava a Capela de Nossa Senhora da Conceição, edificada em pinho de Riga pelos pescadores.

A igreja fora construída numa embarcação ancorada nas águas indolentes da enseada. Ao embalo da maré, a capela flutuava docemente, o que lhe dava um toque de singularidade sem precedentes em relação a qualquer outra capela do mundo.

Por ser igreja pequenina, comportava poucos fiéis a bordo. Nos dias de missa, um velho pescador abria suas portas e cantava com voz trovadoresca:

*Embarca, embarca, meus marujos,
embarca tudo em cordão,
artilharia já salvou
lá no porto da Conceição...*

Era o convite para os fiéis entrarem na igreja. Quem não entrasse teria de ouvir a missa do lado de fora.

Outra excentricidade da capelinha era o peixe que foi entronizado no seu altar-mor, no lugar de Nossa Senhora da Conceição.

Durante muito tempo perdurou uma grave polêmica entre o povo de Cidadilha, em virtude da novidade. Não que se condenasse a entronização de um peixe no altar principal (aliás único) da capela, fato perfeitamente compreensível pelo simbolismo da sacração. A polêmica versou sobre a identificação do peixe entronizado – se era um peroá ou um caramuru – porque o artesão que o entalhou não teve a habilidade artística para reproduzi-lo a contento.

A divergência terminou quando o Cabido de Notáveis Macróbios³⁷ de Cidadilha decretou, em bula afixada na porta da igreja, que o peixe contraditório era simplesmente um peixe católico, devendo como tal ser cultuado no altar em que fora posto em posto de relevo.

³⁷ É o nome do despótico governo de *Cidadilha*.

A partir daí não mais se discutiu a espécie do peixe que ornava o altar da igreja, embora os adeptos dos dois entendimentos se tivessem organizado em partidos rivais que a si mesmos se denominaram peroás e caramurus, conforme a tese que defendiam.

Foi a partir dessa cisão que se disseminou em Cidadilha o hábito de comer peixe frito, sendo os caramurus preferidos pelos peroás, e vice-versa (cada qual comia o outro com prazer e rancor), tradição que sobrevive até hoje, apesar de reduzida à comilança dos peroás fritos, porque os caramurus já desapareceram completamente das águas da cidade-ilha.

*A Praça do Teatro*³⁸

Antes tarde do que nunca.

Porque havia um teatro na praça, a praça se chamava do Teatro. Construído numa arquitetura de madeira, o teatro pegou fogo e somente ficaram de si mesmo cinzas sobre cinzas. Mas prevaleceu a denominação dada ao local, em homenagem ao ilustre incendiado.

Na praça realizavam-se exposições populares para os habitantes de Cidadilha – pregações religiosas, comícios políticos, venda de ervas milagrosas com demonstrações de curas extraordinárias. Um cardápio sortido de shows que fascinava a multidão. Mas nada se comparava às exposições dos trovadores e dos capoeiras.

Os trovadores subiam sobre um banquinho portátil, que carregavam debaixo do braço, para declamar quadrinhas do seu repertório com o ânimo de colegas de primeiras letras. Um de cada vez, trovadores e trovadoras galgavam o pedestal improvisado, davam seu recadinho rimado, e desciam lépidos sob o aplauso dos demais vates.

Por maior boa vontade que os visitantes de Cidadilha tivessem com as trovinhas que ouviam, achavam que as trovadoras faziam a segunda pior poesia do mundo, e os trovadores, a primeira. E mais espantados ficavam quando eram informados de que havia até polêmicas ferozes para disputar a autoria de quadrinhas como esta:

³⁸ Praça Costa Pereira.

*Eu sou pequena,
Das pernas grossas,
Vestido curto,
Papai não gosta.*

De sua parte, os capoeiras irrompiam na praça despidos a caráter: com uma calça branca justa que lhes ia até as canelas, descalços e com o peito nu em alto relevo. Abriam uma roda folgada e, ao som de um berimbau de barriga, se lançavam num simulacro de combate à base de chutes e tesouradas com as pernas para o ar como se fossem atingir brutalmente os adversários que contra-atacavam no mesmo estilo e violência, sem que nenhum dos contendores acertasse o corpo do outro. Tudo à brincadeira, nada à vera, numa mentirinha arteira e rasteira, sob o trinado miudinho do berimbau, be-rim-bau, be-rim-bau-bau...

Os visitantes da cidade-ilha confessavam-se atônitos com o que viam. Não pela vacuidade da luta, de acrobacias inócuas, mas porque sabiam que enquanto em outros cantos do mundo ensinavam-se robótica, matemática quântica e astrofísica nas escolas, em Cidadilha se ensinava capoeira ao som trino, solo e uno do berimbau, be-rim-bau, be-rim-bau-bau...

Visto o quê, não tinha mais jeito: os incrédulos visitantes saíam correndo de Cidadilha para nunca mais ali voltar, falando para os seus botões:

*Tão contente que eu me vinha,
E tão triste que eu me vou...*

A partida

Porta da rua é serventia da casa.

Para quem parte de Cidadilha é preciso, antes de alcançar o Oceano, atravessar uma baía estreita e sete pedras de boa conformação deixar para trás, as quais são: a pedra que a baía vigia, junto da cidade-ilha; um penedo de meter medo em forma de pão de açúcar; a pedra que se chama dos ovos porque dois ovos dão forma à pedra; a pedra d'água chamada porque tem os pés na maré; a dos olhos cegos e cegos, mas sempre atentos aos que navegam as águas da baía; a que tem no topo um convento com cara

de fortaleza, mas que parece um castelo, com ares de bolo de noiva que já foi até comparado a um gato angorá; e finalmente a mais morena das pedras porque tem a cor mulatinha, à direita de quem deixa para sempre a baía de Cidadilha, olê, seus marinheiros!

Navegação em torno da ilha vislumbrada

Toda ilha é uma utopia

Aviso aos navegantes

Nestes textos é de navegação que se fala – uma navegação feita de vislumbres. Mas não esperem que eu cite o poeta que tratou da necessidade de navegar. Porque, neste caso, a navegação só faz sentido para quem for tolerante com os seus significados. Tal generosidade não é de se esperar de todos os possíveis navegantes.

Mas quem se dispuser à navegação proposta deve ter em mente que se trata de uma viagem visionária em torno de vagas aparências de uma realidade que não é o que parece ser nem existe como é imaginada, embora seja percebida com deslumbramento. Coisa de quem perdeu a tramontana? E por que não de quem anda no seu enalço?

Já tenho idade bastante para saber que todo homem tem a ilha que merece, sem que seja necessariamente a Ilha do Tesouro.

A minha é esta, em torno da qual navego, vislumbrando ícones nos devaneios de uma fabulação irreverente.

Se a explicação é válida, explicado estou. Se não, tentarei ser mais explícito nos deslumbramentos nascidos da visão de um inofensivo navegante do imaginário. Diga-se, por último, que esta navegação é fruto do mar. Sem ele, a navegação não teria acontecido.

LGSN.

A ilha

A ilha é firme e dadivosa, encravada num anel de mar. Ao seu redor, ilhas menores se espalham – satélites magnetizados.

A ilha sempre amanhece com cara de terra nova. É um estímulo para que seus habitantes fiquem de bem com a vida. À noite, a ilha é platônica e misteriosa e a pátina da

maresia umedece discretamente os bancos das praças públicas.

Pinguins que vêm da Antártida fazem turismo na ilha: baleias da Patagônia flanam em suas águas marítimas, em curso de quem está de férias. São os mais estranhos seres que deram as caras na ilha porque nela nunca existiram hidras de sete cabeças, nem gigantes com um só olho na frente. Os mitos que a engrandecem foram criados na purgação de brandura do magma dos relicários.

A cidade

A cidade foi invenção dos homens, mas às vezes ela e a ilha se confundem. É preciso conhecê-las para distingui-las. Para quem não goza dessa argúcia, sirva de referência a métrica setissilábica: a ilha abarca a cidade, como o mar abarca a ilha.

Mesmo com tal referência há quem perca a proporção e a medida e se atrapalhe entre uma coisa e outra, referindo-se à ilha quando quer falar da cidade e a esta se referindo pensando que fala da ilha. É preciso ter o senso agudo dos gatos e a sapiência dos mochos para não incorrer em erro tão crasso. Do contrário, somente a convivência com a ilha e a cidade é capaz de mostrar a sutil distinção que entre elas existe.

As origens

A cidade nasceu das cinzas da guerra a ferro e fogo, quando os homens que vieram do mar dominaram os homens que viviam na ilha. Dessa vitória do mar sobre a terra a cidade tirou seu nome e sua lenda. Do sangue dos mortos e feridos teceu-se uma divisa de fé e com ela se construiu um brasão de glórias arrebatadas. Tudo o mais se fez depois: casas, igrejas, ruas e praças, escadarias e insígnias.

Dentre os que sobreviveram à lenda sangrenta alguém profetizou que a cidade seria eterna, na ilha encravada num anel de mar. Só não pode prever que a lenda seria fantástica. Havia mortos por sepultar e, diante dessa dura e crua realidade, era impossível imaginar um futuro de fantasia.

Foram os filhos dos filhos dos que não morreram na batalha da lenda que, dando asas à imaginação, criaram mitos que tornaram a ilha possível.

A escadaria

A escadaria tem cinquenta e nove degraus bem contados, ligando a cidade baixa à cidade alta, no centro magnético da ilha. Mas só chega à cidade alta quem subir os degraus contando-os um a um. Caso contrário, a escadaria não acaba nunca para quem a estiver subindo.

Como a regra é geralmente esquecida, há um constante sobe e desce de pessoas querendo sair dali o mais depressa possível. Mães, cujos filhos não sabem contar, não os deixam subir sozinhos, com medo de perdê-los para sempre; homens, que têm pais quase caducos, não os soltam das mãos para que não fiquem perdidos num vaivém de lunáticos.

A escadaria, ampla e majestosa, tem florões nos corrimões e estátuas nos parapeitos. Os degraus são de espelho, para confundir os que pisam neles e, aqui e ali, existem patamares cheios de golfinhos e sereias de mármore, para distrair as pessoas e atrapalhar a contagem que fazem.

Mas o pior está no bosque a que se tem acesso por uma passagem secreta atrás de uma trepadeira de bronze.

Quem ali entra se depara com um jardim atordoante, cheio de seres exóticos – pássaros disformes, peixes com asas, répteis gigantescos, conchas de bocas escancaradas tragando criaturas aflitas, rios e lagos de várias cores, homens barbudos e mulheres belíssimas à moda de Adão e Eva. O ar é diáfano, mas cortado por flechas de muitos sibilos que cruzam de um lado a outro.

A confusão generalizada afeta o juízo das pessoas que perdem a memória dos números e ficam prisioneiras do bosque, à mercê das flechas que as fustigam, partidas não se sabe de onde.

O palácio

Ante os olhos do mundo ergue-se o palácio da ilha. É uma construção monolítica, onde uma bandeira tremula com o brasão insular.

De tanto estar onde está a bandeira foi recortada pelos dentes da ventania. Os forasteiros que desembarcam na ilha pensam que há um sentido oculto nos trapos estropiados. Não podem imaginar que a bandeira se decompôs porque nunca saiu do mastro.

Antes de virar palácio, a construção monolítica foi igreja para catequizar índios. Os padres catequistas a construíram no tempo em que havia selvas.

A igreja durou enquanto houve índios nas selvas, para serem catequizados. E, enquanto houve padres, houve catequese. Até que um dia veio de longe um marquês de pavio curto com chapéu de plumas ao vento e espadim na cintura.

O marquês expulsou os catequistas para terras do fim do mundo e proclamou que os índios não precisavam de credo nem padre-nosso para honrar e louvar Tupã.

“Índio é índio e isso basta”, disse, com voz de quem conhecia os mistérios do Céu e da Terra.

A igreja dos padres foi então transformada em palácio.

Todos os dias, enfiado num quimono de cores empavonadas, o governador da cidade libera um pombo-correio da varanda do palácio. O pombo volta de tarde, trazendo mensagens em letras incertas e tortas.

Um secretário, de um olho azul e outro rosa, arquiva cada mensagem com esmero de burocrata.

Refestelado numa espreguiçadeira de encosto listado e liso, o governador lê as mensagens elogiosas; as outras, que são maioria, ele as joga no lixo. Acima do governador, a bandeira com o brasão da ilha estala ao vento seus trapos estropiados.

A igreja do peroá

Seu nome completo é Igreja de Nossa Senhora do Peroá dos Homens Pretos. Mas os habitantes da ilha a chamam popularmente igreja do peroá.

A igreja foi construída com pedras amalgamadas com o óleo dos peroás.

Da colina onde moravam, os homens pretos viam os peroás surgirem nas águas da baía e se apressavam em pescá-los.

Enquanto pescavam, cantavam:

*Peroá "garrou" na rede,
Peroá veio na hora
Pescado n'água do mar
Porque quis Nossa Senhora.*

Quando a igreja ficou pronta, os homens pretos a consagraram a Nossa Senhora e a imagem da santa foi entronizada no altar-mor com um peroá nos braços, feito de madeira nobre.

A extravagância causou escândalo.

Metade dos habitantes da ilha aprovou a novidade. A outra metade taxou-a de sacrilégio e na primeira oportunidade roubou o peroá dos braços de Nossa Senhora.

Inconformados com tal afronta, os devotos do peroá foram se queixar ao bispo, que pediu tempo para resolver a querela.

Entrementes, os ladrões do peroá, que receberam dos homens pretos a alcunha de caramurus, ficaram sem saber o que fazer com o peixe de Nossa Senhora. Uns queriam escondê-lo, outros, atar-lhe fogo, até que decidiram jogá-lo ao mar, lugar que lhe era adequado.

Por miraculosos desígnios o peroá foi logo recuperado nas redes dos homens pretos e devolvido aos braços de sua dona, com festas e regozijos.

Até o bispo, que ficara de dar solução ao caso, viu na salvação do peixe um milagre que saiu do mar no momento mais oportuno.

E para encerrar a pendenga entre os dois partidos rivais ordenou que o peroá salvo continuasse nos braços da mãe de Deus. "Porque sendo o peixe um símbolo do

Cristianismo, um peroá no colo de Nossa Senhora é um símbolo mais do que sagrado, seja para pretos ou brancos, peroás e caramurus”, perorou sua eminência com a mitra vibrando ao vento.

O episcopal argumento encerrou de vez a animosidade entre peroás e caramurus.

Hoje, essa rivalidade histórica, que quase causou uma guerra entre os habitantes da ilha, não passa de um acontecimento prosaico, lembrado com bom humor.

O Trianon

O Trianon foi o templo das visões reveladoras.

Nele, os habitantes da ilha entravam graves e solenes, sentavam-se onde tinham que sentar e aguardavam o momento sagrado em que as visões reveladoras iriam aparecer, logo que terminasse o balé das luzes coloridas aos embalos sonoros de *La Mer*. Então, uma janela se abria diante dos espectadores e a Europa pulava nos seus colos.

Foi assim que os habitantes da ilha conheceram Roma, Paris e Estocolmo num torvelinho de descobertas. E nunca mais foram os mesmos.

Embora continuassem a se alimentar das moquecas e dos mariscos dos manguezais, saciavam a fome com olhos de sabedoria, pois já conheciam Roma, Paris e Estocolmo.

O fantasma e a estátua para Maria Ortiz³⁹

No alto da escadaria Maria Ortiz, o fantasma do centro histórico de Vitória me tocou com um dúplice esgar de boca na catadura esverdeada, um canto voltado para baixo, como se chorasse, o outro, para cima, como se risse.

Somente um ser do outro mundo seria capaz de externar, num único arremedo de sorriso, a tristeza e a alegria que lhe iam n'alma, numa caricatura enviesada, nada agradável de ser vista.

"Está rindo de quê, nesse esboçar de lábios desconjuntados?" perguntei mal-humorado.

Eu disse lábios num beneplácito metafórico, na falta de outro termo que definisse a boca torta e retorta do desincorporado a minha frente.

"Respondo primeiramente com versos de Camões: 'Coitado! Que em um tempo choro e rio;/ Espero e temo, quero e aborreço;/ Juntamente me alegro e me enternoço'. E completo por mim mesmo: rio por você; e por você me faço triste", disse o fantasma tentando me amparar do esforço da subida, o que recusei.

"Dispense o grande vate e seja mais claro", retruquei aborrecido, enquanto recompunha as forças e o ritmo cardíaco.

"Alegre ri porque você conseguiu chegar são e salvo até o topo da escadaria. Triste fiquei por ver que já foi o tempo em que você fazia esta ascensão belo e fagueiro, sem ficar esbofado. Sabe que das escadarias do centro de Vitória esta em que estamos talvez seja a pior de se subir? Não falo por mim, mas por vocês, mortais. São setenta e cinco degraus de escalada cansativa. Se duvidar, conte-os descendo ou subindo, como queira. Nem sei por que você resolveu cometer esta aventura. Outro dia, uma senhora quase pôs os bofes para fora quando chegou aqui em cima. Precisou ser socorrida no hospital da Associação dos Funcionários Públicos, no outro lado da rua. A sorte dela é que Maria Ortiz deu uma mãozinha para que chegasse viva até o fim, como fez com você".

³⁹ Texto inédito.

“Que história é essa de mãozinha de Maria Ortiz?”

“Fale baixo”, pediu o fantasma olhando em volta. “Você não pode ver porque é humano e não goza do privilégio que eu tenho, no empíreo em que estou. Mas, escuta só: Maria Ortiz fica sempre na sacadinha do primeiro patamar da escadaria, pronta para ajudar aos que a sobem. É a mãozinha a que me referi. Ela adotou esta missão caritativa desde que morreu. Segundo me disse, é o modo de retribuir à homenagem que lhe foi prestada ao darem seu nome à antiga ladeira do Pelourinho, onde morou.”

“Quer dizer que devo a Maria Ortiz ter conseguido chegar aqui em cima?”, perguntei zombeteiro.

“À energia que lhe transmitiu porque é assim que ela age: incutindo força e coragem aos que periclitam no esforço da subida. É um trabalho benemérito que presta aos capixabas em acréscimo ao de 1624, quando enfrentou os holandeses que tentaram invadir Vitória, pela ladeira do Pelourinho. A propósito, meu digno, você bem que podia assumir uma campanha cívica para a ereção de um busto para Maria Ortiz. Não estou falando de uma estátua de corpo inteiro, mas de um simples busto a ser instalado com pompa e circunstância na sacada central da escadaria. É uma vergonha que exista um de Domingos Martins, ao lado do Palácio Anchieta, e não tenha nenhum da grande heroína capixaba que fez muito mais pelo Espírito Santo do que um Domingos Martins que se arvorou em fazer a independência do Brasil nas longínquas plagas do Recife, movido por interesses comerciais contrariados. Eu suponho que você já me ouviu lançar esta dura crítica contra Domingos Martins mais de uma vez”.

Eu não só já a ouvira, como também as sugestões das campanhas cívicas que volta e meia o fantasma encasquetava na cabeça vazia de miolos e gostaria de me sapear no cangote. O pior é que não bastava recusar a sugestão. Era preciso refutá-la com argumentos plausíveis, para que o fantasma não se abespinhasse comigo.

“Homenagens a Maria Ortiz nunca são demais”, disse eu, abrindo minhas contra-razões com um ponto positivo a favor dele e sem afrontar o seu rançoso xenofobismo contra Domingos Martins. “Mas, veja só, meu amigo: ao contrário de Domingos Martins, que teve sua imagem documentada historicamente, nada se sabe sobre a figura humana de Maria Ortiz. Como era ela? Jovem? Madura? Baixa? Gorda?”

Loura? Morena? Alegre? Triste? Bonita? Feia? Tudo o que sabemos é sobre seus predicados de heroína, sua capacidade de liderança, a determinação desassombrada que a moveu a gestos épicos em defesa da vila de Vitória. Como esculpir seu busto sem o conhecimento das características físicas dessa mulher fantástica? Veja que a expressão tem aqui adequada aplicação.”

“Seu argumento não procede”, regurgitou o fantasma. “Ele teria cabimento, *écoute-moi*, se eu não existisse. Como *eu existo*, ou seja, *como estou aqui visível para você, dialogando com você, e vendo Maria Ortiz* lá na primeira sacadinha da escadaria, posso descrevê-la tal como a vejo, para que você providencie o busto que ela está a merecer. Vamos lá! Pegue a caneta e escreva.”

“O que você está querendo é um despautério”, resisti ao bombardeio fantasmático. “Ainda que a descrição de Maria Ortiz seja fiel e perfeita, como vou justificar que ela me foi passada por um avantesma com quem algumas vezes me entrego a uma conversa acalorada e cordial? Vão me tomar por demente em final de carreira! Compreenda, por favor, a situação delicada em que você quer me meter, meu caro amigo”.

Um silêncio sepulcral envolveu o fantasma, enquanto pesava minhas palavras. Por fim, falou: “*Vous avez raison* e aceito suas ponderações. Não serei eu quem vai comprometê-lo pondo em risco seu bom conceito de historiador. Mas, cá entre nós, você não quer aproveitar a oportunidade e anotar a descrição de Maria Ortiz só para conhecimento pessoal? Ela está empurrando no sopro um trêmulo senhor de bengala que resfolega enquanto sobe a escadaria, e até agora foram apenas quinze degraus.”

“Isso eu quero!”, exclamei impelido por um impulso historiográfico. E com a esferográfica que trago sempre comigo anotei na agendinha que também carrego de plantão a descrição que o fantasma me passou de uma mulher de cabeça de querubim, cabelos crespos e curtos morrendo sobre a nuca, nariz reto e diminuto, orelhas bem torneadas, lábios harmoniosos, testa altiva, queixo com um mínimo de protuberância num arredondamento infantil, seios fartos e rotundos, o olhar, sim o olhar, disse o fantasma, firme e decidido das criaturas voluntariosas, completando o conjunto.

“Pronto!” vibrou o fantasma. “Já posso dizer como Antônio Feijó, não o padre que esteve preso no Espírito Santo, mas o poeta lusitano xará dele (o fantasma estava atacado pela influência poética dos vates portugueses): ‘Assim, cantado fica o seu geral aspecto,/ Seu rosto de papoula, um quase nada, oblongo./ E, em fuste para o ar, lançado como um feto,/ Seu busto, o principal assunto em que me alongo,/ Por ver que nele estão como em gomil repleto,/ Os dois globos dos seios, unidos num ditongo!’ Eis a descrição da *nossa* Maria Ortiz, para a escultura de um busto em cuja tarefa você não quer se empenhar!”, alfinetou o fantasma enquanto eu relia o que havia escrito. Mal terminei a leitura, exclamei:

“Espera aí, meu caro avantesma! A descrição que você fez, com o arremate dos luzidios versos lusitanos, é sem tirar nem pôr a do busto de Domingos Martins, ao lado do Palácio Anchieta! Nem sequer faltam os dois globos dos seios, unidos num ditongo...!”

“O quê!?” exclamou o fantasma quase partindo para cima de mim numa ameaça agressiva que travou a tempo. “Você está zombando de mim?”

“Contenha a ira e ouça o que vou reler”, disse peremptório passando a ler o que escrevi.

“Não sei como isso aconteceu! Estou me sentindo estólido e desconchavado”, murmurou o fantasma baixando a crista e reconhecendo que eu tinha razão.

“Você tem certeza de que é mesmo Maria Ortiz, e não Domingos Martins, quem está ajudando os capixabas a subir a escadaria?” devolvi-lhe a espetadela com prazer perverso.

Ele não estava em condições de espírito de perceber a ironia, tanto que observou: “Algo muito grave está acontecendo comigo porque eu vejo Maria Ortiz e descrevo um Domingos Martins bustificado! Será algum problema com o meu humor vítreo?”

“Talvez seja a falta dele”, bisei a espetadela.

“Sabe de mais, meu digno: antes que o mal cresça, vou consultar doutor Chapot Presvot, meu médico de confiança. Se ele foi capaz de separar duas irmãs xifópagas numa operação complexa na época em que a realizou, o problema do meu olho vai ser banal para a medicina dele. Só espero

que não esteja no Rio de Janeiro. Até outro dia, meu íncrito!”

“Boa consulta!”, foi o que pude dizer antes que o fantasma se volatilizasse no ar, tristemente estólido e desconchavado.

Referências

ALMEIDA, Luís de [NEVES, Luiz Guilherme Santos]. A cidade invisível. *Você*, Vitória, ano II, n. 19, p. 40-41, jan. 1993.

ELTON, Elmo. *Logradouros antigos de Vitória*. Vitória: Instituto Jones Santos Neves, 1986.

NEVES, Luiz Guilherme Santos. A certos respeitos. In: NUNES, Pedro José (Org.). *Tertúlia Capixaba*. Vitória, 2005-. Disponível em: <http://www.tertuliacapixaba.com.br/coluna_a_certos_respeitos/74_o_fantasma_num_relance_passageiro.html>. Acesso em: 25 fev. 2019.

SANTOS NEVES, Luiz Guilherme Santos. *Cidadilha*: crônica inverossímil de uma cidade inexistente. Vitória: Cultural-/ES & Tertúlia, 2008. Disponível em: <<http://www.tertuliacapixaba.com.br/arquivo/cidadilha/capa.htm>>. Acesso em: 25 fev. 2019.

NEVES, Luiz Guilherme Santos. *Navegação em torno da ilha vislumbrada*. Fotografias de Pedro J. Nunes. Vitória: Cultural-ES & Edições Tertúlia, 2014.

NEVES, Luiz Guilherme Santos. Perfis e entrevista. In: NUNES, Pedro José (Org.). *Tertúlia capixaba*. Vitória, 2005-. Disponível em: <http://www.tertuliacapixaba.com.br/perfis_e_entrevistas/luiz_guilherme_santos_neves.html>. Acesso em: 25 fev. 2019.

NUNES, Pedro José (Org.). *Tertúlia Capixaba*. Vitória, 2005-. Disponível em: <<http://tertuliacapixaba.com.br/>>. Acesso em: 25 fev. 2019.

Recebido em: 30 de janeiro de 2019
Aprovado em: 19 de março de 2019